

A crise atual da nossa cultura pode ser enfocada de vários ângulos, inclusive deste: como crise das estruturas comunicativas. Sob tal enfoque poderá ser constatada a decadência da estrutura dialógica da comunicação, (portanto a decadência da conversação, da correspondência, da mesa redonda etc.), decadência essa que se iniciou pelo menos a partir da Revolução francesa. Simultaneamente será constatada a predominância sempre mais acentuada da estrutura discursiva da comunicação, (portanto a da conferência, da exposição, da representação e semelhantes). Para server-se a diferença de clima existencial que isto acarreta, compare-se por exemplo um "cercle" no ancien régime com um discurso de Danton na Assembleia Constituinte. Pois é claro que o diálogo se opõe ao discurso em pelo menos dois aspectos. O primeiro diz respeito à meta. O diálogo visa equilibrar opostos, portanto estabilidade e harmonia. O discurso visa movimentar e propulsionar, portanto dinâmica e progresso. O segundo aspecto diz respeito ao motivo. O diálogo é motivado pela tentativa humana de romper a solidão, e representa portanto uma publicação do privado. O discurso é motivado pela tentativa humana de manipular outros homens, e representa portanto uma invasão do público no privado. Resumindo: o diálogo resulta em comunhão harmoniosa e estática, portanto em politização, e o discurso resulta em massificação progressiva e dinâmica, portanto em solidão massificada e despolitizada. O aparente paradoxo da atualidade que é a crescente solidão e despolitização humana em situação na qual os meios de comunicação se ramificam explosivamente fica destarte desperado.

Pois sob este aspecto a crise atual reside no seguinte: Embora predomine atualmente o discurso, este próprio discurso é atualmente problematizado por algo que pode ser chamado "crise da autoridade". Pois o discurso pressupõe que o "emissor", (conferencista, escritor, exibidor etc.), seja aceite pelo "receptor", (ouvinte, leitor, espectador etc.) enquanto autor, isto é: investido de autoridade. Mas tal autoridade é concedida espontaneamente apenas dentro de um único universo do discurso, a saber: no universo das ciências exatas. De modo que o discurso das ciências é atualmente o único a cumprir sua função da despolitização progressiva da sociedade. Todos os demais universos do discurso, (por exemplo o estatal, religioso, filosófico e artístico), sofrem erosão de autoridade e degeneram portanto em tirania, (i.e. imposição de "emissor" sobre o "receptor" por executivos ou métodos subliminares), ou procuram apoiar-se nas ciências, únicas autoridades admitidas. O resultado é que a sociedade passa a ser irrigada por torrentes de discursos sempre menos "válidos", e que em toda parte surgem sintomas de uma rebelião contra toda forma de discurso, (por exemplo nas artes e nas universidades).

VILÉM FLUSSER

A televisão oferece o exemplo mais bonito, (e provavelmente mais importante), da atual predominância do discurso, e também da atual degeneração do discurso. É ela uma incursão sem par do público no reino de privado. Rasga o círculo dialógico da família e transforma-o em semicírculo discursivo a beirar o aparelho. Condena o indivíduo à solidão, i.e. à absorção passiva e irresponsável, (por incapaz de dar resposta), de mensagens. As mensagens irradiadas pela televisão são "inválidas", (i.e. pretensas, falsas), no sentido de servirem de capa a outras mensagens serra-teiras. Nas sociedades com televisão comercial a propaganda comercial e outra transparece periodicamente por entre hiatos na mensagem pretensa. Nas sociedades com televisão estatal não transparece assim, e lá a televisão "mente" mais perfeitamente. Mas o motivo da televisão é em toda parte o mesmo, a saber é o motivo de todo discurso: despolitizar massificando, isto é imprimindo determinados modelos de comportamento e eliminando ou marginalizando outros. Este é o motivo de toda televisão, até quando os programadores não o pretendem. Porque tal motivo é dado pela própria estrutura discursiva da televisão enquanto canal de comunicação de massa. Independe inteiramente da estrutura política, social e econômica da sociedade.

Mutatis mutandis o exposto se aplica, com reservas específicas, a outros meios de comunicação de massa, por exemplo à imprensa, igreja, escola e filmes. Mas a televisão se distingue de todos os demais meios por várias características fundamentais, das quais serão rapidamente considerados. Um diz respeito à radical tendência coisificadora da televisão enquanto condição da existência humana na atualidade. Tal coisificação se dá pelas razões seguintes: (1) O receptor é exposto a um aparelho que manipula com facilidade, mas cujo funcionamento ignora. O resultado é uma aura mágica que passa a cercar o aparelho e condicionar o homem. (2) A penetração da mensagem televisada terreno do privado a dentro é tão profunda que ~~mas~~ a qualidade "pública", (sensacional) da mensagem passa a tornar-se corriqueira. O resultado é a banalização do extra-ordinário, portanto estultificação coisificante. (3) Esta duplicidade da mensagem, (publicidade e particularidade, intimidade com o publicíssimo), resulta na mitologização da mensagem, portanto na submissão e coisificação do receptor enquanto sujeito de mitos. E (4) O aparelho concede ao receptor aparente liberdade de escolha, (entre vários canais), mas real determinação, (todos canais condicionam). O resultado é coisificação na ilusão da liberdade. Resumindo: a televisão emana forças mágicas, míticas e massificadoras que degradam o receptor a mera coisa manipulada pelos modelos de comportamento irradiados pelas emissoras.

## VILÉM FLUSSER

O segundo característico fundamental que distingue a televisão dos demais meios de comunicação a ser considerado é este: Trata-se de canal cujas potencialidades estruturais não tem sido, até agora, aproveitados. Tem sido ela utilizada até a gora, e bem dentro do espírito de nesse tempo, quase exclusivamente para irradiar discursos. Como se fosse ela uma espécie de jornal ou filme. Pois o filme é efetivamente discursivo por sua estrutura, e uma inclusão brechtiana de público em cinema no próprio filme ultrapassa a fantasia. Um diálogo filmico é inimaginável, e as tentativas neste sentido estão condenadas ao fracasso. E também o jornal é, a despeito das "cartas à redação", fundamentalmente discursivo. Mas a televisão abriga virtualidades dialógicas ainda nem sequer suspeitadas. Não no sentido da irradiação de "mesas redondas" ou de programas dos quais participa um público limitado, ("auditório") ad hoc ou aleatoriamente escolhido. Isto não passa de pseudo-diálogo transformado em discurso para o receptor da mensagem. (São estes programas sintomas a mais da decadência do diálogo na atualidade). Mas no sentido de uma remodelação da rede de televisão a abarcar a sociedade toda e transformar todo receptor em emissor virtual de mensagens. Portanto remodelação dialógica, de modo que a televisão passe a auto-programar-se, isto é: passe a ser programada pela totalidade dos participantes, que é virtualmente a totalidade da sociedade. Tecnicamente tal remodelação é perfeitamente possível e não seria excessivamente dispendiosa. Basta, para estabelecer "feed-back" entre emissoras e receptores, recorrer a outros meios de comunicação já existentes, por exemplo ao correio e aos telefones. Teoricamente, tal remodelação é viável graças à teoria dos jogos. A dificuldade está na reformulação da atitude dos "telespectadores", os quais passariam a ser "teleatores".

Quem imaginar tal revolução na televisão, estará imaginando uma sociedade nova, a saber uma sociedade que procura romper as algemas da solidão massificada penetrando espaço dialógico a dentro. Se for verdade que "democracia" e "diálogo" são sinônimos, tal remodelação da televisão seria abertura do espaço da democracia. Pois é fácil imaginar a remodelação, mas difícil prevêr os detalhes. Trata-se de um daqueles desafios à fantasia criativa de cuja solução depende o futuro da humanidade. Não por resistência passiva, nem por ação demolidora, mas por fantasia criativa poderá ser vencido o aparelho coisificador que nos ameaça por exemplo na forma da televisão discursiva. Uma ilustração para a dificuldade de tal fantasia é fornecida pelo exemplo do automóvel. Custou uma geração inteira até que se tivesse liberdade a humanidade do modelo do "carro sem cavalos". Apenas depois de destruído tal modelo ficaram reveladas as potencialidades dormentes no automóvel. Já custou outra geração inteira a remoção do modelo

VILÉM FLUSSER :

"cinéma em casa" que encobre a televisão e suas potencialidades. Pois a geração está atualmente sendo sucedida por outra. Quiçá é possível agora libertar a televisão do seu caráter demóniaco e entorpecedor, e utilizá-la enquanto rede que permite romper a solidão humana e dignificar a condição humana.